



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

AUTORIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRODUÇÃO DE ARTIGO DE OPINIÃO

Rita de Cássia Constantini Teixeira¹

Soraya Maria Romano Pacífico²

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar o movimento da escrita dos sujeitos-alunos, especificamente, do sexto e do nono anos do Ensino Fundamental, ciclo II, a fim de observarmos se e como eles ocupam a posição discursiva de autor na escrita do gênero discursivo artigo de opinião. Para seguirmos com as análises, pontuamos como referencial teórico a Análise do Discurso pecheuxtiana, a teoria Bakhtiniana, e os postulados Sócio-Históricos do Letramento. É a partir dessa posição discursiva que refletimos sobre o modo como a escola trabalha leitura, interpretação e autoria de textos. As análises das produções textuais apontam um movimento dos sujeitos para a assunção da autoria, pois entendemos que os sujeitos-alunos autorizaram-se a construir argumentos para defender os próprios pontos de vista por meio de mecanismos de disputa de sentidos que funcionaram e sustentaram os textos produzidos.

Palavras-chave: Sujeito. Autoria. Discurso. Sentidos. Gêneros Discursivos.

Abstract: This study aims to analyze the writing movement of the students subjects, specifically in the 6th and in the 9th years of elementary school, cycle II, in order to observe whether they occupy the discursive position of the author in writing discursive genre opinion articles. In order to proceed the analysis, we pointed out as the theoretical analysis the pecheuxtian Discourse Analysis, the Bakhtinian theory and the Socio-Historical postulates of Literacy. It is from this discursive position that we think the way the school works reading, interpretation and authorship of texts. The analysis of textual productions shows a movement of the subject to the assumption of authorship, as we understand that the subjects students are authorized to construct arguments to defend their own points of view through dispute senses mechanisms that worked and supported the texts produced .

Keywords: Subject. Authorship. Discourse. Senses. Discursive Genres.

¹ Mestra em Educação, pela FFCLRP da Universidade de São Paulo – USP; membro do grupo de Pesquisa “Discurso e Memória: nos movimentos do sujeito”, da Universidade de São Paulo – USP. Contato: ritaconstantini34@gmail.com

² Docente do curso de Pedagogia e dos cursos de Pós-Graduação em Educação e de Pós-Graduação em Psicologia, da FFCLRP da Universidade de São Paulo – USP. Contato: smrpacifico@ffclrp.usp.br



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

A partir de uma postura discursiva, a qual pretende historicizar os sentidos, deve-se atentar a questões sócio-históricas e às condições de produção que a escola vem proporcionando aos alunos e professores no desenvolver do trabalho de escrita e de leitura que perpassa o funcionamento da autoria.

Sabemos que, ainda, há um discurso autoritário (ORLANDI, 1996) imposto aos alunos no que se refere às práticas de leituras e escritas, principalmente por meio do livro didático, e estendendo-se até o funcionamento das bibliotecas como lugar de “castigo” aos alunos “desobedientes”, os quais são levados a esses espaços não para pesquisar, mas, sim, para fazer cópias dos livros de literatura, ou resumos de livros. Dessa maneira, reduz-se a importância dos textos literários e do funcionamento da biblioteca a um exercício de punição, ato que impossibilita o olhar-leitor dos sujeitos-alunos como algo fundador para constituir-se autor do próprio dizer.

Criticando essa visão, que nos parece equivocada e autoritária, defendemos que a prática pedagógica basilar da produção textual deve contemplar a produção de novos sentidos pelo sujeito. Assim, temos a contribuição de Orlandi (2008, p. 143), ao afirmar que “Atribuir um sentido é trabalho do imaginário, da ideologia: fazer laço, estabelecer relações, ordenar, classificar, comparar, transformar este novo que perturba em algo sempre já-lá [...]”.

Sabemos que, muitas vezes, a instituição escolar silencia o dizer do aluno (PACÍFICO, 2002) e impõe um discurso autoritário (ORLANDI, 1996) e monofônico, como se a leitura e as produções dos gestos interpretativos pudessem ser homogêneas, com sentidos únicos. No entanto, a sala de aula é um espaço de múltiplos sentidos, de múltiplos dizeres, em que cada sujeito-aluno estabelece as suas relações de sentido que vão compondo o próprio dizer.

Neste trabalho, nosso objetivo é observar como os sujeitos-alunos da primeira e da última etapa do Ensino Fundamental II, sexto e nono anos, respectivamente, relacionaram-se com a escrita num movimento de implicações das estruturas textuais apresentadas nos livros didáticos e nas orientações da prática pedagógica, a partir do trabalho com os gêneros discursivos. Destacamos, aqui, que o nosso objetivo não é verificar se os alunos produzem os gêneros discursivos tal qual o modelo do livro didático, tampouco padronizá-los em relação a como fazem esses materiais, mas, sim, analisar como acontece o movimento e o



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

funcionamento da escrita na produção do gênero discursivo “artigo de opinião” após a leitura do conteúdo do livro didático, bem como das explicações e orientações dadas pela professora da sala.

Embora saibamos que grau de letramento não está relacionado diretamente ao grau de escolaridade (TFOUNI, 1995), temos de considerar que os anos escolares devem colaborar para o desenvolvimento da escrita dos alunos; em outras palavras, poderia ser válido pressupor que alunos do nono ano tenham mais proficiência na escrita do que os alunos do sexto ano, pois têm mais tempo de escolaridade. Os dados poderão confirmar, ou não, nossa hipótese, pois ela poderá levantar indícios para pensarmos a posição discursiva que os sujeitos-alunos assumiram no decorrer da construção dos próprios textos, ao longo dos quatro anos escolares do Ensino Fundamental II.

Para isso, recorreremos a Michel Pêcheux (2008, p. 7), quem “propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios”, e esse movimento coloca-nos na inquietude da compreensão, na inquietude de não considerar um mundo semanticamente estabilizado, como ele mesmo assegura, ou seja, refletir sobre a linguagem e suas formas consideradas confortáveis.

Discorrendo sobre linguagem, colocamos as contribuições da Análise do Discurso em diálogo com a teoria de Bakhtin sobre os gêneros discursivos a fim de duvidar do modo como o livro didático, as apostilas, as provas institucionalizadas engessam os gêneros em categorias. Com base nisso, as atividades escolares silenciam que o estudo dos gêneros, segundo Bakhtin, deve servir para compreender como os sujeitos usam a linguagem, em determinadas situações, de acordo com as necessidades e mudanças sociais. Ao desconsiderar a relação que os sujeitos estabelecem com a linguagem, mesmo antes de entrar para a escola, as atividades escolares, frequentemente, (trans)formam a produção de textos escritos – lembrando, aqui, que a escola valoriza a escrita em detrimento da oralidade – em tarefas que têm como objetivo verificar se o aluno aprendeu a estrutura textual do gênero discursivo estudado, apagando a possibilidade de os sujeitos produzirem seus textos para interlocutores de fato, de colocarem em discurso sentidos que os afetem, de fato.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Essas bases teóricas, Análise do Discurso e a Teoria de Bakhtin, proporcionam condições de interpretar os sentidos e de analisar o discurso, indiciados pela escrita dos sujeitos-alunos que reclamam gestos interpretativos. Em síntese, trata-se do discurso entendido por Pêcheux (2009) como efeito de sentidos entre locutores.

O objeto de estudo da Análise do Discurso é o discurso, e olhar para ele é considerar o movimento social da história na língua e o modo pelo qual sujeitos e sentidos são afetados por esse movimento. Isso implica refletir sobre como o sujeito identifica-se com determinados sentidos e não com outros, o que faz com que os sujeitos inscrevam-se em determinadas formações discursivas e não em outras, ou, até, que migrem de uma para outra, posto que tanto o sujeito quanto as formações discursivas são heterogêneos. Todavia, a escola tende a resistir a essa heterogeneidade e utiliza-se de muitos mecanismos [livros didáticos, avaliações, discurso pedagógico do tipo autoritário (ORLANDI, 1996)] para criar a ilusão de homogeneidade, de que o sentido só pode ser um e de que os alunos só podem identificar-se com o sentido legitimado por essa instituição. Diremos nessas condições que, segundo Pêcheux (2009, p. 148), “se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra.”

A Análise do Discurso, ao conceber que o processo de produção de sentidos não ocorre de modo literal, como se a língua fosse um produto e o emissor enviasse uma mensagem ao receptor que a decodificaria sem levar em conta a exterioridade, propõe-se a construir escutas que nos levam a entender que, conforme Orlandi (2001, p. 34),

A Análise do Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse ‘saber’ que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.

Nessa direção de buscar interpretar, escutar os efeitos dos sentidos inscritos no gênero discursivo selecionado para este artigo, concebemos que os gêneros discursivos englobam uma visão muito mais comunicativa do que estrutural, embora esta ainda seja dominante nas escolas, cujas atividades de produção textual desconsideram que o trabalho com os gêneros



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

está vinculado “ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (MARCUSCHI, 2008, p. 149), pois é considerado, segundo o mesmo autor, “forma de ação social. Eles são um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 149). Por isso, o modo como os gêneros discursivos circulam nas escolas e a maneira pela qual os sujeitos-alunos relacionam-se com eles merecem ser pesquisados, interpretados.

Disso decorre que podemos questionar: os sujeitos-alunos aprendem as chamadas características dos gêneros? Eles, encontram espaço, na escola, para praticar a produção dos gêneros tal qual é necessária às práticas cotidianas, nas quais os sujeitos escrevem para um interlocutor de fato? A nosso ver, a proposta educacional deve compreender a importância de, realmente, ensinar o sujeito-aluno a escrever não apenas para o professor, mas para além dos muros da escola, para a vida.

Sabemos que as estruturas composicionais dos gêneros discursivos, por si só, não garantem os efeitos de sentido que podem vir a compor as produções textuais e tampouco a identificação estável de um determinado tipo de texto, pois a linguagem do texto, segundo Bakhtin (apud MARCUSCHI, 2008, p. 72), “refrata o mundo na medida em que reordena e reconstrói”, e os efeitos de sentidos podem vir a ser costurados e amarrados pelos sujeitos-alunos com as linhas da criatividade, dos efeitos simbólicos e das formações imaginárias que afetam os sujeitos e percorrem os discursos.

Bakhtin (2011) trabalha com uma abordagem que vai além das estruturas fraseológicas ou gramaticais de um determinado texto, considerando os enunciados de gêneros discursivos como “tipos de enunciados relativamente estáveis”, ou seja, conteúdos que não estão presos apenas à estrutura composicional, pois os enunciados podem circular de uma formação discursiva (PÊCHUEX, 1993) para outra, questionando a posição em que se encontram os enunciados.

As considerações acerca de Bakhtin (2011) embasam nossas reflexões sobre o funcionamento da linguagem e de como as orientações pedagógicas do livro didático apontam para outra direção, que não considera o outro na perspectiva dialógica tal qual sustentada por Bakhtin. Trabalhar o funcionamento dos gêneros discursivos é trabalhar com o funcionamento



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

das relações sociais dos sujeitos e todo o desenho em sua volta, tendo como pressuposto que nenhum discurso e nenhuma fala são inaugurais.

Como afirmam os estudos de Mikhail Bakhtin, “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Podemos pensar que as atividades humanas são tão multiformes como os gêneros do discurso que se concretizam a partir da explanação oral ou escrita dos enunciados.

Os gêneros do discurso são mais do que estruturas fechadas de texto, são possibilidades de compreender e de produzir textos para as nossas relações dialógicas. Dentro desse posicionamento, entendemos que nós, professores, somos capazes de movimentar expectativas para ensinar e levar os alunos a praticar a escrita dos gêneros do discurso em sala de aula com sabedoria, criatividade e, acima de tudo, com autoria.

Pensar os sentidos que circulam no contexto escolar possibilita-nos refletir sobre como a autoria instala-se, e, uma vez instalada, pode desnaturalizar os sentidos dominantes, os quais, amiúde, são legitimados no contexto escolar. Considerar a escrita nesse contexto faz-nos lembrar de todas as coerções que se impõem em torno do processo educativo e que permeiam o espaço escolar, afetando tanto os professores quanto os alunos, pois aqueles, não ocupando o lugar de autor (ASSEF, 2014), acabam cerceando as atividades de produção textual destes, promovendo práticas de leitura e de escrita fechadas e permeadas pelo discurso pedagógico dominante, dificultando o contato dos sujeitos-alunos com outras formações discursivas que sustentem a produção de novos sentidos.

A construção de novos sentidos abre espaço para que seja pensada a possibilidade de instauração de um espaço discursivo de autoria. Desse modo, é importante destacar em que concepção a autoria será entendida neste trabalho:

Para nós, a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim. Ou em outras palavras, ela se aplica ao corriqueiro da fabricação da unidade do dizer comum, afetada pela responsabilidade social (ORLANDI, 1993): o autor responde pelo que diz ou escreve pois é suposto estar em sua origem. Assim, estabelece uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto (entre dispersão/unidade etc.) (ORLANDI, 2012, p. 69).

Tratamos a autoria como posição discursiva, e, além disso, usaremos ao longo do texto o verbo “autorizar”. Ao empregarmos esse termo, estamos nos referindo ao ato de o sujeito



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ocupar a posição discursiva de autor, identificar-se com determinados sentidos e lutar por essa posição discursiva, de modo a não abrir mão dos seus direitos de escolha, da escolha das palavras e da responsabilidade em disputar os sentidos no discurso, mesmo sabendo que essa escolha não é consciente, mas, sim, ideológica, conforme nos ensina Pêcheux (1995) sobre os dois esquecimentos.

Metodologia de constituição do corpus e Análises

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, em uma cidade da região de Ribeirão Preto. As salas de 6º e de 9º anos do Ensino Fundamental, nas quais a coleta de dados foi realizada, tinham sessenta e cinco alunos matriculados. A escolha dessas salas de aula e não de outras deveu-se ao fato de que privilegiar o início e o fim do ciclo II do Ensino Fundamental pode contribuir para refletirmos sobre o modo como a escola trabalha leitura, interpretação e produção de textos nesse período escolar, que, a nosso ver, sustentará a relação que o sujeito construirá com a leitura e a escrita ao longo dos anos escolares e, talvez, para além da escola.

Vale ressaltar que os participantes foram informados sobre a pesquisa e concordaram em dela participar, após a assinatura dos responsáveis e da autorização da escola que nos recebeu. A pesquisadora acompanhou as aulas, no total de dezesseis visitas, em que ocorreram o trabalho e as produções referentes ao gênero discursivo em questão, foco de nosso interesse.

O estudo do gênero discursivo “Artigo de Opinião”, estudado para esta investigação, contou com o movimento participativo dos alunos do 9º ano para compor a atividade, a qual, também, já integra o planejamento escolar das escolas municipais da rede, a produção da redação da “EPTV” (Instituição de Telejornalismo administrada pela Emissora afiliada da “Rede Globo”, com enfoque regional): um concurso cultural do qual a escola tem participado de maneira efetiva todos os anos.

Durante a coleta, foi apresentado, pela professora responsável da sala, aos sujeitos-alunos um vídeo intitulado “Como construir um mundo que queremos”. Em seguida, os sujeitos-alunos realizaram um debate em sala de aula e construíram a primeira versão do



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

gênero artigo de opinião. Essa primeira versão foi entregue a nós, pela professora, como fonte de coleta da referida pesquisa, para que depois outras versões pudessem ser construídas e entregues à professora, à coordenação, à direção e à Secretaria de Educação de modo que a escolha das melhores produções textuais fosse efetivada.

Quanto aos alunos do 6º ano, a coleta não foi igual, já que o movimento de participação no concurso da “EPTV” refere-se apenas aos sujeitos-alunos do 9º ano. Desse modo, a professora da sala do 6º ano em que realizamos a investigação apresentou um tema gerador para a disputa de sentidos que instigou os sujeitos-aluno a escrever, a debater e a refletir sobre o tema proposto, conforme acompanhamos: “Você é a favor da proibição dos jogos eletrônicos com temas violentos?”.

A professora da turma realizou, ainda, leituras de dois textos que traziam opiniões favoráveis e contrárias à proibição dos jogos. Um dos textos, intitulado “Você é a favor da proibição de jogos eletrônicos com temas violentos?”, autor desconhecido, e outro, de Erick Itakura, do núcleo de psicologia em informática da PUC-SP, sem apresentação de título.

Dessa forma, ao término das leituras, os sujeitos-alunos puderam questionar e disputar os sentidos, pois muitos dos sujeitos conheciam e jogavam jogos eletrônicos que circulam no comércio local. Durante as aulas que observamos, a professora da turma sempre apresentava, aos sujeitos-alunos, a estrutura do gênero solicitado. A apresentação adveio com a leitura e com a escrita, na lousa, das estruturas das características do gênero, neste caso o artigo de opinião.

A nosso ver, a leitura da estrutura de determinado gênero discursivo, por si só, não garante a efetiva produção de textos que se enquadrem no gênero proposto, tampouco a produção de textos com autoria. A estrutura é importante? Sim. A escola pode, ou deve, ensinar? Sim. Mas a escola deve promover condições de produção e de leituras com oportunidade de gestos interpretativos com os gêneros, de modo a não os padronizar nem os categorizar, como fazem os livros didáticos, que apenas trazem o “ensino” dos gêneros pautado na estrutura, esquecendo-se de que os alunos são falantes de uma língua que já conhecem e, muitas vezes, reconhecem as estruturas dos gêneros discursivos, antes mesmo antes de entrarem para o universo escolar.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

As análises

Abrimos espaço para discursivizar sobre as inscrições, as formulações que vão dando corpo ao sentido (ORLANDI, 2012) e aos gestos interpretativos que os sujeitos-alunos do 6º e do 9º anos do Ensino Fundamental teceram ao longo do percurso de escrita para a construção do artigo de opinião.

Em um primeiro momento, investigamos, especificamente, algumas produções textuais do 6º ano, construídas segundo o tema: “Você é a favor da proibição de jogos eletrônicos com temas violentos?”. Interpretamos que a pergunta, ao usar “a favor”, tenta dirigir as respostas dos interlocutores, principalmente se considerarmos que a coleta ocorreu dentro de uma escola em que os sentidos contrários à violência já estão, de modo geral, legitimados. Pudemos observar, no funcionamento discursivo do nosso corpus, que os sujeitos-alunos posicionam-se de modo, aparentemente, antagônico (sim ou não). Porém, isso não significa que estejam filiados às formações discursivas homogêneas (sim ou não), pois nem os sujeitos, nem as formações discursivas estão fechados, como os recortes mostram.

Vejamos alguns recortes:

Recorte 1:

Algumas pessoas levam isto a sério e fazem estas coisas. Na minha opinião, tinha que proibir todos estes jogos violentos e quem vendesse, tinha que devolver o dinheiro. Isto é sério! Há muitos outros jogos violentos, coisas que nem deveríamos ver, mas vemos (I. S. N.).

Analisamos que o sujeito-aluno constrói um argumento que se sustenta na proibição dos jogos para menores e posiciona-se como alguém que conhece as consequências da circulação desses jogos, o que pode ser interpretado com a formulação “Isto é sério!”.

Em seguida, constrói o enunciado para o texto: “coisas que nem deveríamos ver, mas vemos”. Apesar de observarmos uma possível dispersão, no início do texto, em “Algumas pessoas levam isto a sério e fazem estas coisas”, o leitor pode ficar em dúvida de quais coisas as pessoas fazem, isto é, se veem ou vendem os jogos ou não, já que “levam isso a sério”. Entendemos que, no final, o sujeito-aluno retoma o uso de “sério” e fecha seu texto com coerência, o que, a nosso ver, é uma marca de autoria. Além disso, o sujeito apresenta mais



um argumento de que a sociedade não respeita a lei da censura para programas ou até mesmo de vendas de jogos eletrônicos para menores, o que fica marcado em “coisas que nem deveríamos ver, mas vemos” (I. S. N.). Podemos afirmar que o sujeito-aluno faz uma análise dos sentidos que circulam dentro e fora da escola, que se posiciona em relação a eles, assumindo, dessa forma, a responsabilidade pelo dizer, outra marca de autoria.

Em outro recorte, o sujeito-aluno A. J. P. S. já se posiciona contra a proibição logo no título “Proibição não”. Vejamos o texto:

Recorte 2:

Acho também que é pensamento da pessoa se deve ou não acreditar nos jogos. **Meu primo de Pradópolis** tem muitos jogos desses **e isso não o afeta, ele trabalha, não bebe e nem fuma**, e é por isso que acredito que **isso é só um boato**.

O sujeito-autor recorre a um exemplo familiar para usar como argumento. Ele também sustenta seu posicionamento contrário à proibição quando afirma, no final do recorte, “é só um boato”, o que cria o efeito de sentido de inverdade do poder dos jogos para influenciar as pessoas.

Destacamos que, segundo as considerações de Orlandi (2012, p. 142), “Os boatos são gestos de interpretação como todos os outros que fazemos para que o mundo faça sentido”. E, com isso, o sujeito-aluno tenta construir uma verdade, que vai em direção oposta à da formação discursiva dominante, sugerida pelo tema da redação. No entanto, poderá estabelecer essa verdade ou desestabelecê-la, segundo a mesma autora, pois “Onde há boato há disputa pelo sentido... o boato é uma arma tanto para a dominação como para a resistência” (ORLANDI, 2012, p. 142).

Pela análise desse recorte, interpretamos que o sujeito-aluno não teve medo de se posicionar quando fez esse tipo de construção, considerando que “o boato é um fato público de linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 142), pois, caso essa produção fosse lida em sala de aula, outros gestos de interpretação poderiam surgir em contraponto com os de outros sujeitos-alunos. Sabemos, entretanto, que a disputa pelo sentido não se constitui como o principal objetivo das aulas de produção textual, visto que, na maioria das vezes, elas não são



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

planejadas e organizadas para esta finalidade; ao contrário, as aulas têm como objetivo verificar se o conteúdo escolar foi “aprendido” por todos os alunos, da mesma forma.

Em outra produção textual, do sujeito-aluno M. H. G., encontramos uma formação discursiva que argumenta de forma bem diferenciada, tentando alcançar outros pontos para defender seu posicionamento quanto à questão dos jogos eletrônicos com temas violentos, pois, na construção do seu texto, o sujeito-aluno aponta a falta de diálogo dos pais como a principal causa da violência, e não os jogos eletrônicos como um problema.

Vejamos a produção textual na íntegra:

Recorte 3:

A vida virtual

As vez muitas crianças se em volve com os jogos violentos **porque os pais não conversa com ele** ai resolve mata as pessoas **porque acha que aquela dor que ele tempassa** mais isso começa nos jogos **se as vez os pais com versassecom ele não seria desse jeito** cada um tem sua opinião essa foi minha não são criança que ta era sam os pais.

Interpretamos que esse sujeito identificou-se com outra formação discursiva, que não aquelas sobre os jogos eletrônicos violentos. Ele migrou para outra região da violência, o descaso dos pais para com os filhos, a falta de diálogo, como lemos em “porque os pais não conversa com ele”. Sabemos pelo acesso ao interdiscurso (o já-lá do senso comum) que essa formação discursiva circula em nossa sociedade e, no caso, o aluno identificou-se com ela e trouxe-a para o intradiscurso, no qual deixa marcado seu posicionamento, conforme lemos em “cada um tem sua opinião essa foi minha não são criança que ta era sam os pais.” Chama-nos atenção, também, o título do texto, que cria no leitor a expectativa de que os sentidos construídos serão sobre os jogos, que são “virtuais”. Porém, há uma inversão de sentidos, e o sujeito passa a escrever sobre a vida real, sobre problemas familiares que podem levar à violência. Para nós, apesar dos problemas de coesão encontrados no texto, entendemos que o sujeito ocupa a posição discursiva de autor, porque o que ele produz é interpretável (ORLANDI, 1996).

As análises que se seguem referem-se ao artigo de opinião produzido pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, o qual teve como tema a proposta da redação da “EPTV”. A partir das orientações que o material da “EPTV” distribui às escolas, e, por isso, fornecidas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

aos sujeitos-alunos, podemos interpretar as várias vozes que percorrem as orientações. Parece-nos que as orientações da “EPTV” funcionam como “orientações pedagógicas”, o que nos leva a questionar o enunciado “O título da redação é livre e o objetivo é fazer com que o tema seja um convite à reflexão de cada aluno e debatido em sala de aula”. Sendo assim, o aluno pode duvidar de que seja “livre”, uma vez que há uma relação entre a formação discursiva, que determina o que pode e deve ser dito na escola, e a formação ideológica que captura os sujeitos. Ademais, vale destacar que “um discurso é efeito de sentidos e não transmissão de informação” (ORLANDI, 2011, p. 31). De onde surge a questão: poderá o sujeito-aluno construir um artigo de opinião para a mídia, via escola? As análises pretendem responder à questão.

Questionamos, também, o enunciado “abandonar o confortável papel crítico e passível”, que, pelo efeito da ideologia, parece naturalizar que um sujeito que tem atitudes críticas pode ser passível. Há, a nosso ver, um apagamento dos sentidos referentes a essas posições antagônicas, cabendo a um aluno do 9º ano lidar com esses furos do dizer.

Indo além, as orientações sugerem que o aluno deve pensar em “práticas de ações realmente transformadoras”, deixando implícito que os sujeitos-alunos devem abandonar práticas antigas e, quem sabe, apresentar um novo modelo a ser seguido, controlando a relação dialógica que o sujeito pode ter com a escrita do enunciado “Como construir o mundo que queremos?”.

Nesse sentido, das trinta e três produções textuais coletadas, vinte e quatro mantiveram-se na paráfrase, ou seja, os sujeitos-alunos repetiram os exemplos das próprias orientações, trazendo o discurso da circularidade (ORLANDI, 2011), um dizer que já está instituído seja pela escola, seja pela sociedade ou pela mídia. Os sujeitos-alunos partiram do conhecimento do senso-comum e, ainda, tentaram escrever sobre quase todos os problemas apontados na proposta da redação.

Buscamos analisar como alguns alunos conseguiram, mesmo com toda a tentativa de controle da polissemia existente nas orientações do material da “EPTV”, buscar mecanismos na linguagem para assumirem-se como autores e tornarem-se responsáveis pelos próprios dizeres.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No recorte a seguir, vemos como o sujeito-aluno V. C. B. busca uma articulação com os leitores a fim de encontrar uma resposta para a proposta de produção textual pedida, “Como construir o mundo que queremos?”. Vejamos:

Recorte 4:

O mundo como queremos

Na minha opinião, antes de querermos mudar o mundo, temos que querer mudar a nós mesmos.

Bom o mundo vai mal, então temos que começar a agir para muda-lo. **Se nós seres humanos, que vivemos no mundo não agirmos, quem mais poderá agir?**

Temos que acabar com o desperdício de água, parar com o desmatamento, com a poluição e com tudo o que faz mal ao mundo. Enquanto em alguns lugares, pessoas, lavam a rua, a calçada, deixam a torneira aberta enquanto escovam os dentes, lavam a louça etc, existem vários lugares em que as pessoas não tem água nem pra beber, que dirá para lavar a rua ou a calçada.

O desmatamento, será que eles não entendem que o oxigênio vem das árvores e que nos precisamos delas para viver? Não é possível que as pessoas não entendam isso... a poluição, tem pessoas que parece que se jogar lixo no lixo a mão vai cair, porque ela só joga o bendito do lixo no chão, poxa, não custa nada cada um pegar seu lixo e jogar fora.

É muito fácil mudar o mundo, basta cada um ter um pouco de atitude fazer as coisas de maneiras diferentes. Ao invés de lavar a calçada todos os dias, lave-a somente uma vez por semana, feche a torneira quando escovar os dentes ou lavar a louça. **Parem de desmatar, ninguém quer morrer por falta de ar... bom, pelo menos eu não quero!**

Faça sua parte, de exemplos, **ao invés de só reclamar comece a agir!**

A nosso ver, o texto traz indícios de autoria, pois convida o leitor a pensar junto como autor, chamando-o para uma corresponsabilidade, usando a ironia para questionar sentidos com os quais não concorda, como podemos ler em “tem pessoas que parece que se jogar lixo no lixo a mão vai cair, porque ela só joga o bendito do lixo no chão, poxa, não custa nada cada um pegar seu lixo e jogar fora.”.

O autor também constrói um efeito de proximidade com o leitor, o que faz parte de uma estratégia argumentativa, buscando tornar o leitor seu cúmplice e, com isso, alcançar a persuasão, logo, disputar os sentidos, ponto forte do artigo de opinião. Para nós, o sujeito-aluno V. C. B. apropria-se, num movimento autoral, do funcionamento do gênero discursivo em questão e, por isso, ele faz funcionar a argumentação, como se estivesse em uma relação com um interlocutor, de fato.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Considerações Finais

Não é tarefa fácil sair da paráfrase, que, para nós, marca a posição do sujeito-aluno assumindo a posição do sujeito-autor. Todavia, nosso corpus indica que os sujeitos movimentaram-se e deixaram marcas de autoria em muitas produções textuais.

Além disso, é condição para a autoria sair da fôrma-leitor (PACÍFICO, 2002), e, por meio de gestos de interpretação, o sujeito pode ocupar a função-leitor (idem), mobilizando os sentidos do interdiscurso no intradiscurso, assumindo a responsabilidade pelos dizeres que coloca em discurso, mesmo que não sejam aqueles legitimados pela instituição escolar. “O estudo da linguagem não pode, pois, nessa perspectiva que adotamos, estar apartado da sociedade que a produz. Então os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais” (ORLANDI, 2011, p. 26).

Defendemos que os escritos dos alunos devem ser produzidos e circular para além dos muros da escola, devem fazer eco na sociedade, pois, dessa forma, a interação verbal pode ocorrer em situações sociais concretas, e não como ainda acontece no contexto escolar em que, na maioria das vezes, nunca sairá das páginas dos livros didáticos ou dos cadernos dos alunos, como atividades nomeadas de acordo com o gênero discursivo estudado nos anos escolares.

Quando há espaço de discussão e debate, múltiplos sentidos são permitidos, deslizando para os sentidos não legitimados. Desse modo, a possibilidade de o sujeito não estar controlado pelo modelo do livro didático mostrou como a relação do funcionamento dos gêneros discursivos com a escrita permitiu vigorar a polissemia e gerar diferentes discursos, embora esse movimento ainda não seja visto como uma atividade de grande relevância na sala de aula, pois alunos e professores, de modo geral, têm as vozes abafadas, tanto pelo sistema educacional, como pelo livro didático.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFERÊNCIAS

ASSEF, A. E. C; PACÍFICO. S. M. R. *Escrita e Identidade: a busca do sujeito-professor por completude*. FFCLRP/USP, 2014.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*/ Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. Língua, Fala e Enunciação. In: BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*/ tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira - 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 3ª ed. Campinas-SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6ª Edição- Campinas, SP: Pontes Editores , 2011.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª Edição, Pontes Editores. Campinas, SP, 2012.

PACÍFICO. S. M. R. *Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. *Estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi -5ª ed. Campinas-SP: Pontes, 2008.

TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.- (Coleção questões da nossa época; v.15).